

Este questionamento auxilia o aluno a distinguir entre os elementos presentes na imagem e aquilo que ele pensa ou imagina sobre ela. Portanto, o PERCEBER e ANALISAR referem-se ao que se vê na obra, e o INTERPRETAR ao que se pensa ou se imagina sobre ela. Estimular esta diferenciação permite ao aluno ser mais consciente de suas observações, atrelando o que pensa ao que vê.

LEMBRE-SE!

- As questões não têm apenas uma resposta correta, e a compreensão mais ampla é a da somatória de respostas compartilhadas dos alunos.
 - O contexto histórico da obra, do artista, do período ou dos estilos artísticos representam suportes para novas discussões e para articular as interpretações de seus alunos.
 - O principal é que a cada resposta seja incentivada a referência à obra da qual partiu aquela leitura, voltando o olhar do observador, e de todos os outros alunos, sempre para o objeto de análise.
- Evite ler os créditos das obras (título, tamanho, técnica) antes de proceder à leitura com os alunos, pois muitas vezes estes dados diminuem o potencial investigativo das leituras de imagens.
- Aproveite-se da riqueza geográfica das paisagens e da possibilidade de resgatar a história das regiões e culturas representadas para realizar propostas conjuntas aos professores destas disciplinas.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA E SUGESTÕES DE LEITURA:

ADES, Dawn (org.). *Arte na América Latina – A Era Moderna 1820-1980*. São Paulo: Cosac & Naify, 1997.

ANDREWS, Malcolm. *The Search for the Picturesque*. Stanford University Press, 1969.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes (org.). *O Brasil dos Viajantes*. São Paulo: Metalivros/Odebrecht, 1994.

BRAZIL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos: Apresentação dos Temas Transversais/Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC / SEB, 1998.

DEBRIT, Jean Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. São Paulo: Martins, Brasília. Instituto Nacional do Livro, 1975.

DUVIOLS, J. P. "Vitória fundadora. A escola artística de Alexander von Humboldt". In: *Artes de México*, nº 31.

ESTRADA, Mônica López Velarde. "La persistencia del paisaje", in *Paisajes y Otros Pasajes Mexicanos del Siglo XIX en la Colección del Museo Soumaya México*. Museo Soumaya, 1998, pp. 10-12.

HOTKINS, Tesley (ed.). *The Papered Wall. History, Pattern, Technique*. Londres: Thames & Hudson, 1994.

LANGMUIR, Erika. *Parkes Guides – Landscape*. Londres: National Gallery Publications/Yale University Press, 1997.

MARTINS, Carlos (org.). *Arquitetura em um Arquivo*. Coleção Brasileira – Fundação Ramo-Frackard/Fundação Estudar. São Paulo: Bel Comunicação, 2000.

MARTINS, Carlos. "City and Landscape in the construction of Brazil". Texto inédito, 2002.

MOSTRA DO REDESCOBRIMENTO. *Alma do Tempo e do Espaço – Programa Ação Educativa*. São Paulo: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais/MINC, 2000.

MUSEU THYSSEN-BORNEMISZA. *Maestros Renascentistas e Barrocos del Museo Thyssen-Bornemisza – Guia del Profesor*. Madrid: Fundación Colección Thyssen-Bornemisza/Ministerio de Educación y Ciencia, 1995.

- Existem outras obras e artistas – inclusive contemporâneos – que trabalhem com temas ou com técnicas semelhantes às das obras selecionadas para este material. Sugerimos que você os pesquise e crie outras propostas a partir deles. Se quiser, pode começar sua pesquisa pelo próprio acervo da Pinacoteca!

Selecionamos três obras da exposição para compor este material, nomeamos estas obras em nosso roteiro de viagem de PARADAS.

A cada PARADA, sugerimos questões específicas que poderão facilitar e aprofundar o encontro com as obras.

Acrescentando informações contextuais sobre cada uma, poderemos avançar ainda mais na exploração destas imagens e continuar a enriquecer a conversa.

As atividades plásticas sugeridas a cada PARADA podem ser usadas como estímulo se precederem o encontro com as obras, se feitas ao final do processo, devem contemplar as investigações mentais realizadas durante as etapas PERCEBER/ANALISAR/INTERPRETAR/CONHECER, transformando-se em vivência destes saberes.

Não esqueça, também, de propor as mesmas etapas investigativas para analisar / perceber / interpretar e conhecer os trabalhos realizados pelos alunos na etapa RESPONDENDO POÉTICAMENTE.

MUSEU THYSSEN-BORNEMISZA. *El Siglo de Oro del Paisaje Holandés – Guía Didáctica*. Madrid: Fundación Colección Thyssen-Bornemisza/Ministerio de Educación y Ciencia, 1994.

MUSEU LASAR SEGALL. *Lasar Segall e Otto Dix: diálogos gráficos e Otto Dix e Lasar Segall: Imagens da Guerra – Material de apoio ao professor*. São Paulo: Museu Lasar Segall / IPHAN / MINC, 2002.

NOUVÉL-KAMMERER, Odile. "Panoramiques, miroir d'une société. Les thèmes d'une nouvelle philosophie du quotidien". In: *Papier Peint Panoramiques*. Paris: Musée des Arts Décoratifs/Ed. Flammarion, 1998, pp. 103-133.

PAÇO IMPERIAL. *O Brasil Redescoberto*. Rio de Janeiro: Paço Imperial, 1999. Catálogo de exposição.

PICCOLI, Valéria. "A Pátria das minhas saudades: o Brasil na Viagem pitoresca e histórica de Debrét". Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/USP, 2001.

PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Carta de Navegação: Orientações aos Professores e Educadores para Fruir da Exposição como uma Viagem Educativa – De Picasso a Barceló – Coleção do Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia*. São Paulo: Pinacoteca do Estado/Instituto Arquivado/Fundação Telefônica, 2001.

ROBICHON, François. "Du panorama au panoramique" (163-177). In: *Papier Peint Panoramiques*. Paris: Musée des Arts Décoratifs/Ed. Flammarion, 1998.

RUGENDAS, Johann Moritz. *Viagem Pitoresca Através do Brasil*. São Paulo: Circulo do Livro, s.d.

SEVCENKO, Nicolau. "O front brasileiro na guerra verde: vegetais, colonialismo e cultura". In: *Revista USP*, São Paulo (38): pp. 108-119, junho/agosto 1996.

SLOANE, Kim. *A Noble Art. Amateur Artists and Drawing Masters, c. 1600-1800*. Londres: The British Museum, 2000.

CRONOLOGIA

Professor, para auxiliá-lo na localização histórica do período em que as obras da exposição foram produzidas, encontra-se abaixo uma cronologia resumida. Sugerimos, também, que em sua visita à exposição, acompanhe as transformações da pintura de paisagem, no Roteiro Ilustrado, ali presente.

1800

1808
Chegada da corte portuguesa ao Rio de Janeiro.
Abertura dos Portos às Nações Amigas.

1816
Chegada da Missão Artística Francesa, com o intuito de fundar no Rio de Janeiro, a Academia Real de Belas Artes.

1817
Chegada da Missão Austríaca, com cientistas e artistas, acompanhando a futura esposa de D. Pedro I, a arquiduquesa Leopoldina.

1822
Independência do Brasil
Chegada da expedição Langsdorff, da qual faz parte o artista J. M. Rugendas, autor do desenho tratado na PRIMEIRA PARADA.

1825
Chegada da Missão Britânica, da qual faz parte Charles Landseer, artista presente na exposição com a obra "Visita do Fão de Açúcar chamada da estrada do Silvestre".

1838
Abolição do tráfico de escravos.

1838
Abdução de D. Pedro I.

1840
Golpe da Maioridade em favor de D. Pedro II.

1850

Vistas do Brasil

coleção brasileira fundação estudar
na pinacoteca do estado

Orientações aos educadores para fruir da exposição como uma viagem educativa

Caro professor, este material foi desenvolvido para subsidiar a utilização de imagens da exposição da Coleção Brasileira como recursos educativos em sala de aula, tendo como foco os professores de arte do segundo ciclo do ensino fundamental. Esperamos, porém, que os professores de quaisquer séries possam se utilizar deste material, promovendo – segundo a especificidade de suas turmas – as adaptações necessárias.

Esperamos, ainda, que este material possa ser utilizado como iniciador e incentivador de processos educativos posteriores que a sua imaginação puder criar!

Estas anotações são um convite para que os professores e seus alunos possam viajar pelas paisagens brasileiras do século XIX, apreciando e pensando sobre as obras da exposição.

O material se compõe de três imagens da exposição e oferece, para cada uma delas, algumas possibilidades de investigação sobre as obras, podendo ser utilizado como subsídio preparatório para a visita ou como conclusão e desdobramento do contato direto com as obras, após a visita à exposição.

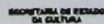
Está organizado da seguinte maneira:

DESTINO: BRASIL, SÉCULO XIX – apresentação geral da exposição.

ARRUMANDO A BAGAGEM – levanta algumas reflexões sobre o ensinar em arte e apresenta as propostas que utilizaremos para esta viagem.

ROTEIRO DE VIAGEM – estimulando uma conversa.
Primeira parada – proposta educativa para a obra *Paisagem com cavaleiro*, de J. M. Rugendas.
Segunda parada – proposta educativa para a obra *Fábrica Meuron no Andaraí Pequeno*, de J. J. F. Coindet.
Terceira parada – proposta educativa para a obra *Vistas do Brasil*, de S. J. Deltli.

cbfe



DESTINO: BRASIL, SÉCULO XIX

Esta exposição foi concebida para você conhecer melhor as paisagens do Brasil do século XIX, por meio de desenhos, pinturas, aquarelas e gravuras, feitas por artistas que visitaram o país naquela época ou que aqui viveram.

A exposição poderá ser visitada na Pinacoteca do Estado de São Paulo a partir de julho de 2003.

Os séculos XVIII e XIX assistiram ao desenvolvimento da industrialização e à expansão das cidades europeias, o que incentivou o gosto pela reprodução de paisagens, como forma de retorno à natureza, percebida como distante.

Este gosto pela paisagem também se deve à constituição da maior parte dos Estados-nação europeus, na mesma época, o que incentivou a produção de imagens de reconhecimento dos territórios nacionais.

O crescimento populacional e dos núcleos urbanos do período levou à aplicação das imagens de paisagens em produtos como papéis de parede e cartões postais, expandindo o gosto por elas.

Lembramos que ao falar de gosto pela paisagem é preciso que se entenda que a construção destas imagens estava condicionada por códigos subjacentes à pintura. Desta forma, uma boa paisagem segue normas e regras predeterminadas, e o bom artista é aquele que melhor as domina.

É possível percorrer a exposição de diversas maneiras: com a orientação de impressos; com educadores especialmente treinados para auxiliá-lo em sua visita; com um áudio-guia ou por meio dos textos e terminais multimídia disponíveis no espaço expositivo.

Todos estes meios são recursos para enriquecer o seu contato com as obras, que será tanto mais proveitoso quanto maior for a sua curiosidade sobre elas.

"Apesar das aparências contrárias, nada é menos espontâneo que uma pintura de paisagem bem sucedida".

"Representar o espaço, a luz e comunicar sensações tem sido o maior desafio da pintura de paisagem."

Erika Langmuir, pp. 6-7

A seguir, investigaremos como os artistas cujas obras selecionamos para esta exposição resolveram este desafio.

Abertura

Para começar, abrimos a exposição com uma obra que inicia nossa viagem ao universo das pinturas de paisagens, por meio da figura do artista-viajante. Estes artistas eram os responsáveis por produzir imagens que acompanhavam os relatos das expedições científicas ou diplomáticas. O termo também se aplica aos artistas estrangeiros – profissionais ou amadores – que passaram rapidamente pelo Brasil, estenderam seu período de viagem por um tempo maior ou que aqui permaneceram. Este desenho é tratado como recurso educativo em nossa PRIMEIRA PARADA.

Desenhos de campo

Um dos meios utilizados pelos artistas para dar conta da complexidade de construir uma paisagem, é a realização de desenhos preparatórios, feitos a partir da observação direta da natureza.

Estes desenhos, que em conjunto formam uma espécie de catálogo, serviam posteriormente como um repertório de imagens que o artista combinaria para compor a obra final.

Câmera escura

No século XIX, o gosto pelas paisagens levou os artistas a empreenderem viagens por diferentes localidades, transformando-se em verdadeiros "caçadores de imagens".

Os artistas viajantes perseguiam os melhores pontos de vista para representar a paisagem, as vistas mais pitorescas, tendo muitas vezes o auxílio de seus instrumentos óticos, capazes de favorecer a observação. Com eles, podiam captar e compor rapidamente elementos de uma paisagem.

Alguns destes instrumentos são a câmera escura e o espelho de Claude, cuja utilização poderá ser vista na exposição.

Pinturas

A estes vários artificios – como o uso de mecanismos óticos na captura de imagens da natureza e a combinação das anotações desenhadas em campo para a composição final – somam-se os códigos tradicionais de representação, ensinados nas Academias de Arte.

A pintura, de qualquer tema, não é feita livremente apenas pela vontade ou criação do artista. Os artistas do século XIX deveriam seguir, na construção de suas pinturas, as tradições impostas pela história, pelo gosto ou pelo mercado. Estas tradições definem os códigos de representação de cada época.

As transformações do gosto nesta época, por exemplo, fizeram com que a pintura de paisagens ganhasse novos significados. Em resposta à vida urbana das cidades industriais em crescimento na Europa daquela época, a natureza passou a ser encarada como uma alternativa agradável de refúgio.

Assim, além de representar uma natureza idealizada ou ser o registro da geografia de um território, como no caso da pintura "Fábrica Meuron no Andaral Pequeno", de Coindet (SEGUNDA PARADA), nesta época, a pintura de paisagem também vai se apresentar como uma resposta mais afetiva e sentimental em relação à natureza.

Visitando a exposição, você poderá verificar as transformações dos códigos de representação da pintura de paisagem acompanhando o Roteiro Ilustrado.

Papel da Parede

Para se ter idéia da importância que a paisagem assumiu na época, era possível aos ricos europeus forrarem as paredes de cômodos de suas casas com cenas de paisagens, o que iniciou a produção em série de papéis de parede panorâmicos.

O papel de parede "Vistas do Brasil" (TERCEIRA PARADA) – produzido em série por meio da técnica de gravura em madeira – permitia aos compradores fruírem de um repouso em uma paisagem paradisíaca, diversa da européia, sem sair de sua casa.

O artista Jean Julien Deltit, para elaborar os elementos e cenas que fariam parte do papel de parede "Vistas do Brasil", utilizou-se das gravuras que ilustraram o livro *Viagem pitoresca através do Brasil*, de Rugendas, publicado na mesma época e que tinha a intenção de ser uma compilação geral da paisagem, geografia e tipos humanos do país.

Mas como já vimos, antes de serem transformadas em gravuras, estas imagens estiveram presentes em seus desenhos de campo. Estas apropriações sucessivas não eram encaradas como cópias, ao contrário, na época, eram percebidas como parte do processo de criação artística.

Embora sendo de grande extensão, não existem cenas repetidas, o que faz com que o papel de parede "Vistas do Brasil" se apresente como uma espécie de mostruário das paisagens, tipos humanos e atividades encontradas no Brasil do início do século XIX. Uma verdadeira enciclopédia visual poética.

Panoramas

O mesmo formato alongado aparece, também, em pinturas e gravuras denominadas panoramas. Embora o formato do papel de parede se repita nas obras, em tamanho reduzido, a concepção de ambos é distinta.

Vimos que o papel de parede "Vistas do Brasil" é composto pela soma de fragmentos, enquanto que os panoramas buscam uma visão do todo espacial da paisagem representada.

Foi o desejo de representar a totalidade da paisagem que disseminou o uso do formato panorâmico.

Mesmo artistas amadores se aventuraram a usar o formato panorâmico e tratar do tema da paisagem.

Já pudemos perceber a variedade de paisagens feitas em desenhos, pinturas e até em um papel de parede, comprovando a importância que este gênero teve para o século XIX. Mas será que a forma como vemos a paisagem hoje em dia tem raízes ali?

Você já prestou atenção em nossos cartões postais atuais?

Pensando bem, o que os cartões postais – desde aquela época – fizeram foi consagrar alguns pontos de vista com o melhores do que outros para a observação da paisagem, criando ícones, como é o caso do Pão de Açúcar para o Rio de Janeiro.

Concluindo

As imagens e propostas contidas neste material pontuam algumas questões sobre a paisagem brasileira no século XIX, mas, para ampliar as reflexões, recomendamos a visita à exposição *Vistas do Brasil*.

ARRUMANDO A BAGAGEM

A proposta é de que o professor seja o mediador que conduz o encontro entre o aluno e a imagem. Para que isto aconteça, é preciso ter em mente que:

- existe grande quantidade de imagens no nosso mundo hoje e nossos alunos estão acostumados a vê-las, mas não a pensar profundamente sobre elas.
- o aluno só se interessa por conteúdos que para ele fazem sentido e/ou que demonstrem uma significação para a sua vida prática, garantindo uma determinada aplicabilidade – presente ou futura.
- não existem respostas definitivas quanto às indagações sobre arte e a beleza, o que não impede o professor de caminhar pela investigação destas indagações, favorecendo o diálogo e o compartilhar de opiniões, numa somatória que permite ampliar a fruição das imagens.
- o trabalho com a arte não pode ser considerado somente como recreação, equilíbrio psíquico, pura expressão criativa ou meio de desenvolvimento de habilidades motoras, mas se constitui em área de conhecimento, possuindo seus conteúdos e habilidades específicos.

Ao lidar com imagens na sala de aula, precisamos lembrar de alguns aspectos básicos:

- expor uma imagem ao aluno significa conduzir a observação para que ele perceba a imagem, para que possa analisá-la.
- ao mesmo tempo, deve-se potencializar a interpretação que cada aluno atribui a ela, estimulando o ato de compartilhá-las, pois é a partir da somatória destas interpretações que se dá a atribuição de sentidos possíveis para a obra.
- conhecer informações e conteúdos sobre a imagem, seus processos de produção, seus autores e sua época é um fator importante para ampliar e estimular a percepção, interpretação, análise e crítica sobre as obras.
- estes estímulos associados à fruição da imagem possibilitam que o aluno responda poeticamente a partir do contato com a obra, favorecendo a ampliação do conhecimento sobre a arte, sobre a sociedade que a produziu, sobre si mesmo e sobre os outros.

Para cada imagem, sugerimos estratégias de mediação para as etapas listadas acima, lembrando que todas elas são relacionadas e não precisam acontecer necessariamente na ordem em que propomos, uma vez que no processo de encontro com a obra podem ser simultâneas. Contamos com a capacidade de mediação do professor para, conhecendo as especificidades de sua turma, dosar e aprofundar estes caminhos, conduzindo a um contato produtivo com a arte.

ROTEIRO DE VIAGEM

Quando viajamos, tudo se torna mais interessante se discutido com os demais companheiros de viagem. Assim, o principal é compartilhar com seus alunos do prazer da viagem que propomos e de suas descobertas. Como fazer isso?

Levar muita curiosidade é fundamental!

Já dizia o artista viajante J. M. Rugendas: "viajar é manter os olhos abertos!".

Não só os olhos, mas o pensamento também!

As imagens que vemos são motivos para começar a conversa com nossos companheiros de viagem: nossos alunos.

Conversar é trocar idéias prazerosamente e conscientemente. Uma conversa pode conter acordos e desacordos, mas está baseada em saber escutar o outro e poder expressar-se. Assim, professor, é fundamental garantir que todos tenham a possibilidade de apresentar suas idéias e compartilhá-las.

Comece pedindo aos alunos que tragam comentários ou notícias de jornais e/ou revistas sobre a exposição a ser visitada, com isso você pode estimular a curiosidade deles e, ao mesmo tempo, verificar o conhecimento prévio sobre a mostra.

Por meio de perguntas-chave, o professor poderá estimular a conversa, a troca de idéias com os alunos, facilitando e ampliando o processo de percepção e significação das obras.

A questão abaixo visa conduzir o olhar para a obra e estimular o observador a contar uma história e descrever elementos compositivos da imagem; participando do processo de PERCERBER e ANALISAR.

O que vocês vêem nesta obra?

Quando você notar que seus alunos começam a INTERPRETAR aquilo que vêem, sugerimos a pergunta:

O que você vê na obra que o faz pensar isso?